



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Renan Fabrício Lorenzatto da Silva

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

orcid.org/0000-0003-1811-445X

renanlorenzatto0610@gmail.com

Dantielli Assumpção Garcia

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

orcid.org/0000-0002-8834-2253

dantielligarcia@gmail.com

Sexo em tempos de feminismo e ainda muito machismo: efeitos de sentido na editoria amor (ou quase isso) da revista Cosmopolitan Brasil

RESUMO: As temáticas sexo e sexualidade, nos dias atuais, podem ser observadas em revistas, programas de televisão, internet etc. Foram longos anos para se ter a “liberdade” que temos hoje em dia para abordarmos essas temáticas. Uma das mídias atuais que abordou sobre esse tema é a revista Cosmopolitan, antiga revista Nova, a qual é destinada à mulher que trabalha, é jovem e independente. A partir da Análise de Discurso de orientação de linha francesa, este artigo tem por objetivo analisar como uma memória discursiva sobre a mulher e sua sexualidade funciona, quais condições de produção sustentam e permitem tais dizeres e a quais formações discursivas a editoria da revista Cosmopolitan “Amor (ou quase isso)” filia-se. Este artigo também é resultado da pesquisa de mestrado intitulada “Sexo e sexualidade na editoria ‘Amor (ou quase isso)’: Efeitos de sentidos”. Ademais, buscamos entender como se aborda a temática do sexo e da sexualidade na edição de março da revista, percebendo para qual mulher a revista fala e onde essa mulher está inserida. Como embasamento teórico foram utilizados os autores Pêcheux (2008), Orlandi (2013) e Del Priore (2011), nas questões sobre mulheres. Deste modo, os resultados tanto da pesquisa, como do artigo, contribuem para os estudos sobre sexo e sexualidade, como também para estudos relacionados aos discursos jornalísticos. A editoria Amor (ou quase isso) vem como corpus, materializando como os discursos sobre o sexo e sexualidade vem sendo abordados nas mídias, em especial, no meio impresso.

Palavras-chave: Cosmopolitan Brasil. Análise de Discurso. Sexualidade. Mulheres.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA



A Análise de Discurso se consolidou na década de 1960, tendo sido desenvolvida por Michel Pêcheux a partir da relação entre linguagem (anteriormente trabalhado por Saussure), ideologia (a partir das leituras de Marx e Althusser) e a psicanálise, principalmente na questão do inconsciente/sujeito (a partir das leituras de Freud e Lacan). Com a junção desses três pontos, não sem deslocamentos, se constituía um novo objeto de estudo: o discurso.

Entende-se como discurso aquilo que falamos, ouvimos ou até pensamos e que cause um efeito de sentido, isto é, nos proporcione algo além de uma simples mensagem, Portanto, para a AD, uma simples troca de palavras entre sujeitos é algo a mais, o discurso envolve toda uma produção de sentidos (ligados a uma ideologia), bem como a construção histórica dos sujeitos envolvidos. Para Orlandi,

A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores (ORLANDI, 2013, p. 21).

Em outras palavras, para a AD, o discurso que os sujeitos identificam nas mais diversas formas nunca é único. Para a teoria, cada sujeito compreenderia esses discursos de diversas formas, por isso o “efeito de sentido” que sustenta que cada sujeito interpreta os discursos de maneiras diferentes. Pêcheux (2008) alega que o discurso é potencializado de construções sócio-históricas do sujeito a partir da identificação do próprio sujeito. O sujeito tem a capacidade de significar e de se significar. O discurso é capaz de significar o sujeito e a realidade de sua convivência, também, o discurso só existe com a ideologia, pois a língua só significa quando há um sujeito com uma ideologia. Para Orlandi (2013, p. 17), “consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”. Para Orlandi (2013),

A Linguística constitui-se pela afirmação da não-transparência da linguagem: ela tem seu objeto próprio, a língua, e esta tem sua ordem própria. Esta afirmação é fundamental para a Análise de Discurso, que procura mostrar que a relação



linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro. Cada um tem sua especificidade. Por outro lado, a Análise de Discurso pressupõe o legado do materialismo histórico, isto é, o de que há um real da história de tal forma que o homem faz história mas esta também não lhe é transparente. Daí, conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham o que vai-se chamar a forma material (não abstrata como a da Linguística) que é forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é portanto linguístico-histórica (ORLANDI, 2008, p.19).

Orlandi também distingue que, para a Análise de Discurso, “Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc” (ORLANDI, 2008, p. 21). Ou seja, a língua não seria uma simples troca entre o sujeito que envia a mensagem para o sujeito que a recebe, a língua ainda não seria essa função simples ocorrendo linearmente com uma mensagem sendo primeiramente enviada, então recebida e, posteriormente, decodificada. A língua é algo mais ágil e não possui uma forma básica e não mutável, que precisa, necessariamente acontecer sempre da mesma forma. Segundo Pêcheux,

27

A consequência do que precede é que toda descrição – quer se trate da descrição de objetos ou de acontecimentos ou de um arranjo discursivo-textual não muda nada, a partir do momento em que nos prendemos firmemente ao fato de que “não há metalinguagem” – está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso (PÊCHEUX, 2008, p. 53).

E retornamos ao ponto de que nenhum discurso é único, Pêcheux destrincha em seus estudos que um mesmo enunciado pode ter significados diferentes entre sujeitos diferentes justamente porque cada sujeito discursiva sob efeitos de diversas formações discursivas diferentes o que faz com que as interpretações acerca de algo sejam múltiplas. Para Orlandi (2008, p. 25), “A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte de seus processos de significação”.



São esses diferentes entendimentos de uma “mesma formulação” que nos possibilita entender como as interpretações são subjetivas e dependem do sujeito em si para se sustentarem. Os sentidos produzidos pelos discursos fazem relação intrínseca com o conceito de formação discursiva. Segundo Orlandi, “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI 2013, p. 43), sendo as palavras aquelas que se filiam aos diversos sentidos, segundo as mais diversas posições discursivas. Isto é, as palavras filiam-se a sentidos, segundo as posições discursivas daqueles que as empregam. Segundo a autora,

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas, que por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como a linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca (ORLANDI, 2013, p.43).

Orlandi (2013) ainda aborda que a formação discursiva ocorre quando as posições ideológicas do sujeito são colocadas no social a partir das palavras que são produzidas, ou seja, o sentido das palavras será dado de acordo com as ideologias do sujeito que o reproduz. Ainda segundo ela, “As formações, discursivas por sua vez, representam nos discursos as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja” (ORLANDI, 2013, p. 43).

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de



deslocamento no seu espaço: não há uma identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma "infelicidade" no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um "erro de pessoa", isto é, sobre o outro, objeto de identificação (PÊCHEUX, 2008, p. 56).

Essas diferenças no sentido da palavra acontecem por causa das formações discursivas que os vários sujeitos estão inseridos, cuja ideologia está ligada aos sentidos. "Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes" (ORLANDI, 2013, p. 44). Destaca-se que o mesmo pode ser observado na atualidade, onde o discurso do sexo, ainda que quando abordado com um viés mais natural, ou seja, desmistificado e sem tabu, é visto de forma diferente segundo os diversos sujeitos da nossa sociedade. E quem diz, ou melhor, reproduz os discursos, sejam eles de qualquer tema, inconscientemente estão ligados a diversas ideologias, que, segundo a AD, seriam a língua e a experiência. Orlandi afirma que:

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas (ORLANDI, 2013, p. 53).

Algo que se faz necessário é entender essa relação entre as formações discursivas e o que cada um "pode" ou "não pode" dizer em "seus" discursos. Primeiramente, é preciso desmistificar a ideia de que os discursos são nossos, meros falantes de uma língua pautada em diversas ideologias. Todo discurso que ousamos reproduzir em nossos dizeres estão ligados, de certa forma, às várias formações ideológicas que nos rodeiam. Quando o assunto é sexo, por exemplo, muitas vezes se percebe um maior "distanciamento" de sujeitos religiosos em discussões sobre o tema, uma vez que as formações discursivas as quais estão filiados, abordam o sexo relacionando com o pecado. Já para um sujeito que não está ligado a nenhuma religião, ou ainda, que está inserido em espaços de militância feminista, LGBTQIAⁱ etc., o assunto, de certa forma, fluirá (ou espera-se que) mais naturalmente. Vale ressaltar que não existem regras e que não será sempre assim, afinal, a ideologia tem falhas. Um mesmo sujeito pode estar inserido em diversas formações discursivas e discursivizar tanto sobre religião, quanto sexo. Segundo Orlandi (1988),

Os objetos do discurso – que na enunciação são colocados por conta do sujeito – adquirem sua estabilidade referencial pelo repetível (o pré-construído). Sem esquecer que o que joga na relação como o repetível não é o sujeito em si, mas as posições do sujeito que regulam já o próprio ato de enunciação (ORLANDI, 1988, p. 111).



Em outras palavras, Orlandi aponta que é na hora da enunciação que o sujeito aborda em si o discurso. É nesse momento que se percebe o pré-construído, ou seja, o que “permite” o dizer do sujeito, segundo a posição que esse mesmo ocupa e o que esse sujeito, ocupando essa posição “pode” ou não discursivizar. Vale ressaltar que o sujeito é inconsciente quanto a isso, e não consegue perceber – segundo suas diversas formações discursivas as quais está afiliado – o que é “certo” ou “errado”. Pêcheux (2014) distingue que a ideologia em geral se dava através dos aparelhos ideológicos do estado. Segundo Althusser,

Designamos por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. Propomos uma lista empírica destas realidades que, é claro, necessitará de ser examinada pormenorizadamente, posta à prova, rectificada e reelaborada (ALTHUSSER, 1974, p. 43).

30

Com o conceito trabalhado em os Aparelhos Ideológicos de Estado, Althusser apresenta como essas instituições distintas e especializadas (igreja, escola, família) são importantes para se chegar à questão da ideologia em si, em que uma formulação ideológica histórica ainda não será tida como uma ideologia dominante. Para Pêcheux,

Enquanto resultado de conjunto, forma-histórica concreta resultante das relações de desigualdade-contradição-subordinação que caracterizam, numa formação social historicamente dada, o “todo complexo com dominante” das formações ideológicas que nela funcionam. Em outros termos, enquanto “as ideologias têm uma história própria”, uma vez que elas têm uma existência histórica e concreta, a “Ideologia em geral não tem história”, na medida e que ela se caracteriza por “uma estrutura e um funcionamento tais que fazem dela uma realidade não-histórica, isto é, *omni-histórica*, no sentido em que esta estrutura e esse funcionamento se apresentam na mesma forma imutável em toda história, no sentido em que o *Manifesto* define história como ‘história da luta de classes, ou seja, história das sociedades de classe’ (PÊCHEUX, 2014, p. 137).

Em outras palavras, a ideologia seria a mesma em qualquer lugar ou ponto da história, tendo apenas seu funcionamento alterado fazendo dela uma realidade não-histórica. Para o autor, o que



mudariam seriam as formações discursivas, essas, teriam diferentes vertentes em que diferentes sujeitos se filiarão.

Ainda, elucidamos que muitos dos códigos morais tidos como importantes nas mais variadas épocas se repetem ainda hoje, sendo um desses ecos a própria pesquisa, que materializa esses

conceitos, mostrando que em 2018, o sexo, principalmente no âmbito feminino, ainda é taxado como inferior, sujo, ou, até mesmo, obscuro. É válido ressaltar que a memória não é algo individual de cada sujeito. O conceito de memória não vem com a hipótese de que cada sujeito teria sua memória, mas sim, de algo mais amplo, tido como social. Segundo Pêcheux,

Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da "memória individual", mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador. O risco evocado de uma vizinhança flexível de mundos paralelos se deve de fato à diversidade das condições supostas com essa inscrição: é a dificuldade – com a qual é preciso um dia se confrontar – de um campo de pesquisas que vai da referência explícita e produtiva à linguística, até tudo o que toca as disciplinas de interpretação: logo a ordem da língua e da discursividade, a da "linguagem", a da "significância (Barthes), do simbólico e da simbolização (PECHÉUX, 1999, p. 50).

31

Entendendo como a memória não é algo individual, mas sim, social, se percebe como esta está inscrita nas práticas e como um mesmo discurso é capaz de se ter sido reproduzido em algum momento e anos mais tarde ainda ter o mesmo poder dentro de uma FD. A memória extrapola o tempo uma vez que está além da língua.

Com tal conceito, fica mais fácil entender como que vários sujeitos compactuam de um mesmo discurso sem necessariamente conhecer uns aos outros, sendo então a memória social, a responsável por essa "junção" de vários sujeitos de formações discursivas parecidas entre si. Mas e quando se percebe um silenciamento entorno de um mesmo assunto, e ainda, esse silenciamento pode ser observado em diversos grupos diferentes (grupos de militância, espalhados em diferentes lugares) que também não conhecem uns aos outros?

Compreende-se então a questão do silêncio, em que a fala divide o silêncio e posteriormente organiza-o. "Se tudo isso pode ser dito a propósito da linguagem, falar do silêncio traz, em si, uma dificuldade maior, já que ele se apresenta como absoluto, contínuo,



disperso" (ORLANDI, 2007, p.32). Orlandi aborda em seus escritos o quanto se silencia diversos discursos e como o silêncio também precisa ser analisado. Segundo Orlandi, "O silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas" (ORLANDI, 2007, p. 32). O silêncio é aquela pequena parte que supostamente está desaparecida entre os vários discursos, mas que quando se nota a sua falta, podemos perceber o que está acontecendo e motivo de estar sendo silenciada. Segundo Orlandi,

Quando não falamos, não estamos apenas mudos, estamos em silêncio: há o "pensamento", a introspecção, a contemplação etc. O nosso imaginário social destinou um lugar subalterno para o silêncio. Há uma ideologia de comunicação, do apagamento do silêncio, muito pronunciada nas sociedades contemporâneas. Isso se expressa pela urgência do dizer e pela multidão de linguagens a que estamos submetidos no cotidiano (ORLANDI, 2007, p. 35).

É interessante trazer que essa questão do silêncio extrapola a teoria aqui apresentada nessa pesquisa, uma vez que durante e anos (e ainda hoje) se percebe o quão silenciado foram os temas ditos como femininos (para mulheres) e o quão silenciadas as mulheres também foram ao longo dos séculos. Para uma mulher falar, era necessário o aval primeiro do pai, seguido do aval do marido, também figura masculina, que ditava os momentos e o que a mulher (vista como propriedade) poderia estar falando.

32

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO SEXO E DA SEXUALIDADE

Foram longos anos para se ter a "liberdade" como ponto inicial para se ter discussões sobre. A liberdade para se abordar tal tema vai depender muito de quem são esses sujeitos, onde estão inseridos e para quais sujeitos esse tema se dirige) para se falar sobre o assunto como se fala hoje em dia, uma vez também que o sexo era visto apenas como modo de reprodução, como aponta Del Priore (2011): "O sexo admitido era restrito exclusivamente à procriação. Donde a determinação de posições 'certas' durante as relações sexuais. Era proibido evitar filhos, gozando fora do 'vaso' Era obrigatório usar

o 'vaso natural'ⁱⁱⁱ e não o traseiro" (DEL PRIORE, 2011, p. 43).



O sexo, nos dias atuais, é visto como algo natural por muitos, se fazendo ainda mais natural quando está no âmbito heterossexual, no qual o prazer masculino é visto como normal, necessário, e o prazer feminino, muitas vezes, nem citado é, sendo silenciado em diversas sociedades. Revistas de temáticas femininas foram ganhando espaço, como, por exemplo, a revista *Cosmopolitan* (Editora Abril e antiga revista Nova).

O termo “*sexualidade*” foi criado no início do século XIX. Segundo Foucault (2010, p. 9), “É um fato que não deve ser subestimado nem superinterpretado. Ele assinala algo diferente de um remanejamento de vocabulário; mas não marca, evidentemente, a brusca emergência daquilo a que se refere”. Sendo assim:

O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos de reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos (FOUCAULT, 2010, p. 10).

Para Foucault (2010), na obra *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, falar sobre a temática da sexualidade implicaria se afastar de um esquema de pensamento, “fazer da sexualidade um invariante e supor que, se ela assume, nas suas manifestações, formas historicamente singulares, é porque sofre o efeito dos mecanismos diversos de repressão a que ela se encontra em toda a sociedade” (FOUCAULT, 2010, p. 10) sendo o maior problema a repressão para se abordar o sexo como algo natural. Foucault afirma que,

Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura (FOUCAULT, 1980, p. 12).

E, quando observamos a nossa sociedade atual, percebemos que pouco mudou, afinal, o sexo – mesmo com uma certa “liberdade” para se abordar – ainda é muito banalizado. As diversas manifestações de sexo e sexualidade são constantemente ditas como



vulgares e só de se abordar em um programa de televisão sobre as temáticas já se pode analisar diversas críticas negativas acerca do tema. Outro ponto importante é o de quando esses temas são mais explorados, normalmente são em horários perto da madrugada, longe da faixa do grande público que assiste à televisão. Se percebe que o tempo passa e a banalização continua, e as discussões que já deveriam estar acontecendo e surgindo efeitos, acabam não mudando muito. Em tempos em que possuir uma boa moral (muitas vezes nem entendendo o conceito de moral) e estar na massa das pessoas de bons costumes novamente se tornou moda (se é que em algum momento parou de se pensar assim), um simples comentário sobre sexo pode causar desconforto com os demais além de criar situações de julgamento. Vale ressaltar que se a situação for dita por um homem, mesmo que haja comentários acerca do tema, esses não serão tão esdrúxulos caso venha de uma mulher, segundo Beauvoir (1980),

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada (BEAUVOIR, 1980, p. 9).

Beauvoir (1980) aponta que não se nasce mulher, torna-se. Será a sociedade a responsável por qual seria esse lugar da mulher, lugar esse que ditará o que ela pode e deve fazer como sujeito mulher e como será a partir disso. Parece improvável pensar que essa distinção entre homens e mulheres ainda existe. De um lado temos o homem, com os seus privilégios "legalizados" pela sociedade patriarcal, que existem pelo simples fato do homem ser homem. O homem é aquele que poderá desfrutar de todos os prazeres sem culpa ou julgamento, enquanto a mulher nem lutar pelo privilégio de poder falar sobre a falta do privilégio poderá ser capaz.

Esse lugar de mulher na sociedade foi se moldando com o passar dos anos e a mulher esteve ou abaixo do poder masculino, estando submissa ao homem, ou, de certa forma, sendo rejeitada por ser mulher. Muito do pensamento em relação às mulheres se construiu a partir da própria bíblia que já no seu início colocou a personagem Eva



como a mais a pecadora, cometendo o erro de comer o fruto proibido e, posteriormente, sendo a única culpada de trazer o pecado ao mundo. O resultado disso, segundo a bíblia, foi que, a partir daquele momento todos os meses a mulher sangraria (explicado pelo ciclo menstrual que normalmente acontece todos os meses). Segundo Del Priore (2011), em seu livro *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*, que narra sobre os pensamentos a respeito da mulher desse a época do Brasil colônia, o que mais se entendia era que a mulher era a culpada em relação ao sexo (até então proibido e não abordado), segundo a autora

Apesar de tantas advertências, a mulher sempre quis seduzir, fazendo-se bela. Se a igreja não lhe permitia tal investimento, a cultura a incentivará a forjar os meios para transformar-se. Os dispositivos de embelezamento, assim como o cortejo de sonhos e ilusões que os acompanhava, eram de conhecimento geral (DEL PRIORE, 2011, p. 29).

Colocando desde que se há registros a mulher como uma vilã da história, quando o assunto sexo era abordado, a mulher estava envolvida como aquela que causou isso. Muitas vezes, a desculpa dada para os crimes era o cheiro que a mulher exalava e como essas situações faziam os homens clamarem por sexo, mas ainda, a culpa seria da mulher.

Afinal, como não desconfiar daquela que trouxe à terra o pecado? Para os sujeitos dessas épocas, crentes que a igreja dominava e julgava com muita incisão, era muito mais fácil acreditar (temendo as justiças tanto da igreja quanto divinas) do que realmente pensar a respeito e talvez mudar tal pensamento. É até curioso perceber que muito pouco mudou. A Análise de Discurso, quando trabalha com a noção de discurso, traz que tudo que é falado hoje só pode ser dito pois já foi dito em algum outro momento anterior. E se observa justamente isso quando trazemos esse discurso, da mulher pecadora ligada ao prazer e que esse prazer não fazia bem, falado há duzentos, trezentos anos atrás é quase o mesmo discurso (talvez com algumas modificações) que se escuta hoje em dia.

Eva cometera o pecado original ao comer o fruto proibido. O homem procurava uma responsável pelo sofrimento, o fracasso, o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher. Como não desconfiar de um ser cujo maior perigo consistia num sorriso? Nesse retrato, a caverna sexual tornava-se uma fenda viscosa do inferno (DEL PRIORE, 2011, p. 35).



Em outras palavras, nunca foi fácil ser mulher onde o machismo, mesmo sem um conceito ainda determinado, dominava a todos e todas impondo um comportamento baseado nos então "princípios morais" em que ser homem significava coisas positivas como virilidade, ter direito ao trabalho remunerado, ter escolhas etc enquanto ser mulher estava atrelado a questões negativas.

Dentre as diversas diferenças entre o ser homem e o ser mulher na sociedade, o ato do sexo e da iniciação sexual já é um dos pontos atribuídos a tabus. A iniciação sexual do homem pode acontecer muito cedo, é motivo de orgulho para todos que o rodeiam e, muitas vezes, essa primeira vez acontece entre o garoto e uma prostituta. Quem nunca ouviu um caso de alguém que foi iniciado assim? É uma prática muito comum e sem um grande tabu envolvido. O menino transar cedo estará demonstrando sua masculinidade e será motivo de honra para os outros homens da família. Caso esse muito diferente na situação das mulheres, que, segundo os discursos proferidos em nossa sociedade machista patriarcal, estaria no âmbito vulgar, errado, denominando um sujeito que comete ações erradas.

Para a mulher, o próprio o sexo vem com vários outros significados. Certa hora a mulher é muito jovem para ser iniciada. Certo tempo, a mulher já passou da hora encontrar um parceiro, afinal ela já está velha demais. Esses discursos são reproduzidos há vários anos em diferentes ocasiões. O patriarcado criou homens que preservam e controlam a vida de suas filhas e qualquer outro homem que apareça na vida dessas garotas será visto como uma ameaça. Alguns homens não sabem diferenciar a proteção que os pais deveriam ter com seus filhos (utilizamos "filhas" justamente pois a situação é muito diferente de quando os sujeitos são filhos homens) dessa obsessão que os pais oferecem às suas filhas forçando sobre elas um falso poder de possessão, no intuito de tratar esses sujeitos como propriedades. A iniciação da mulher, segundo Beauvoir (1980),

Há uma aprendizagem teórica e prática que se desenvolve de maneira contínua desde as fases oral, anal, genital até a idade adulta. Mas as experiências eróticas da jovem não são um simples prolongamento de suas atividades sexuais anteriores; têm muitas vezes um caráter imprevisível e brutal; constituem sempre um acontecimento novo que cria uma ruptura com o passado (BEAUVOIR, 1980, p. 109).



É interessante perceber que biologicamente ambos os sujeitos teriam essa iniciação sexual de forma parecida e aconteceriam desde as primeiras fases anteriormente formuladas por Freud (fases oral, anal, fálica, latente e genital). Porém, como muito do que ocorre nessa sociedade patriarcal, a questão muda totalmente de forma quando analisamos os contextos sociais que tais experiências vão utilizar para serem feitas. No final do processo, será a sociedade quem ditará como o processo termina e quais consequências tal processo terá ao ser finalizado. O sexo está atrelado ao poder que um corpo exerce sob o outro socialmente, normalmente o sujeito mais forte será o homem e o mais fraco a mulher (segundo esses padrões da sociedade) então, por que se importar com o ser mais inferiorizado nessas situações. Com um maior acesso da informação, globalização etc., os assuntos e tabus relacionados às mulheres foram cada vez mais ganhando novos espaços e discussões. Novos temas foram colocados em pauta e o que no passado era totalmente silenciado, atualmente, aos poucos, foram ganhando cada vez mais espaço.

37

ANÁLISE DO *CORPUS*

Março: Amor (ou quase isso) sexo. Para solteiras, casadas, ou tanto faz: A matéria intitulada "Sexo em tempos de feminismo – e ainda muito machismo" assinada pela jornalista Letícia González (de março de 2018) traz em sua capa a informação de que a matéria é destinada para qualquer tipo de mulher e ainda pretende mostrar "como os desafios de muitas mulheres podem ajudar cada uma a repensar suas transas. *Spoiler*ⁱⁱⁱ: Com muito amor e respeito" (como podemos observar na própria capa da matéria abaixo):

Figura 1 – Capa da matéria da editoria Amor (ou quase isso) sexo, do mês de março

SEXO EM TEMPOS DE
FEMINISMO E AINDA MUITO
MACHISMO...
Afluente, UFMA/CCEL, v.6, n.17,
p. 25-46, jan./jun. 2021
ISSN 2525-3441



Fonte: Cosmopolitan Brasil (2018)

A matéria, como a principal chamada na capa da revista do mês de março, mês reconhecido como o mês das mulheres, vem como um manual de dicas para as leitoras. A escrita do texto se pauta no sexo nos tempos atuais, tempos em que se falar sobre o assunto está sendo mais naturalizado, porém, com muito machismo ainda. É válido pontuar o que entendemos por naturalizado: A partir do momento que estamos abordando sobre algum tema, esse tema precisa ser colocado em um espaço de importância e de fácil entendimento, para que flua naturalmente a discussão acerca da temática. Quando colocamos “O assunto está mais naturalizado” é exatamente esse ponto de se estar abordando sobre o sexo de uma forma que se entenda a necessidade dessa discussão, a importância da mesma, e a forma como essa mesma discussão será feita, com o objetivo de tornar profundo e normalizado o tema na sociedade, tentando ao máximo fazer com que o tabu que se tem em abordar sobre sexo e sexualidades seja derrubado e assim, naturalizar tais discussões.

Na capa da matéria já conseguimos observar alguns pontos como a cor escolhida: um rosa em tom pastel, muito ligado ao feminino, às mulheres no geral, o que gera muitas discussões sobre as cores e se essas cores são destinadas a determinados gêneros. Retomando o “azul é para menino e rosa para menina” a revista parece insistir no tom rosa para a matéria ao público feminino. A capa é composta de outros



elementos como uma foto/pôster amassado de uma mulher jovem, branca com um grampo de segurar papel colocado em sua boca. A mulher usa óculos, o que é muito ligado à intelectualidade, nesse caso, aos estudos feministas, que muitas vezes ainda ficam no âmbito elitizado e intelectual. A figura de uma mulher jovem

representa muito o que se espera das mulheres inseridas em grupos feministas e de como as mais jovens são o futuro dos grupos e estão dispostas a tentar mudar o patriarcado. O grampo colocado estrategicamente na boca representa o silêncio, a repressão em cima da mulher para poder abordar sobre os assuntos que querem, nesse caso, "sexo em tempos de feminismo", ou seja, como ainda em tempos de ascensão desses movimentos, o silenciamento do patriarcado ainda pode bastante presente.

A matéria aborda sobre algumas cenas na vida de quem transa, como: sexo com tesão mútuo, sexo com insistência e, ainda, sexo com desrespeito e assédio. Ao longo da matéria, a jornalista vai relatando alguns casos de mulheres famosas que decidiram abordar sobre suas relações sexuais, bem como, relatos sobre violência e assédio, uma vez que, em 2018, estava se abordando bastante sobre sexismo e assédio em *Hollywood*, após diversas atrizes aderirem ao movimento *Me too*^{iv}, que buscava falar sobre os diversos casos envolvendo assédio e estupros de diversas mulheres da televisão e do cinema norte-americano. O movimento se tornou bastante conhecido uma vez que foi encabeçado por artistas de renome, e trouxe, ao menos naquele ano, diversas discussões, relatos e denúncias para muitos atores, produtores e diretores famosos.

Dentro da matéria observamos:

SD 1: Mulher gostar de sexo é menos pecado hoje do que foi ontem.

SD 2: Precisamos conversar...seja para quebrar o tabu, seja para nos posicionar sobre o que queremos ou não.

SD 3: Falamos muito que somos "sexualmente livres" mas de fato exercemos isso?

SD 4: Seu corpo possui uma série de terminações nervosas que, quanto estimuladas, enviam para o cérebro sinais capazes de fazer a excitação disparar. Mas você conhece todos eles? Hora de descobrir zonas de prazer nunca antes exploradas"

SD 5: Feminismo bombando, nós cada vez mais independentes, mas aquela pergunta "E os

namorados:" continua. Por que ainda é tão importante termos alguém do lado? (COSMOPOLITAN, ed. 534, março de 2018. Amor (ou quase isso): sexo, grifos nossos).



A SD1 se utilizou do título "Sexo em tempos de feminismo – e ainda muito machismo", esboçando que, mesmo estando em 2018 (ano da publicação), o mundo em que vivemos ainda é muito machista, e mesmo com o advento dos movimentos feministas, o machismo continua ainda muito ativo e tachador na nossa sociedade. Porém, a revista traz a frase "Mulher gostar de sexo é menos pecado hoje do que foi ontem" em que já conseguimos observar vários deslizamentos de sentidos encontrados nessa pequena sequência discursiva. Para a revista, a mulher gostar de sexo é "menos" pecado hoje, ou seja, ainda é um pecado. Mas quem define o que é pecado ou não seriam as instituições religiosas? Então por que a revista estaria abordando a temática do pecado, e ainda acusando a mulher de ser pecadora, por simplesmente gostar de sexo?

O enunciado utiliza o "menos pecado do que foi ontem", talvez, para justificar que os pensamentos estão sendo "amenizados", e, que, em algum momento futuro, esse status de pecado desaparecerá. O que soa muito estranho uma vez que a revista é para o público feminino, então, por que "afrontar" seu próprio público incitando que o assunto mais abordado da revista não pode ser gostado pois é pecado? E detalhe, isso em uma matéria que se intitula como "Sexo em tempos de feminismo – e ainda muito machismo" só mostra mais uma vez que o machismo está ocorrendo dentro do próprio veículo de comunicação.

A relação com o pecado é um dos pontos cruciais quando analisamos o sexo. Oriundo dos discursos cristãos, relacionar as práticas sexuais ao pecado aparecem desde o livro de Genesis, quando Eva (descrita como a primeira mulher a habitar a Terra, e tendo sido criada por Deus, principal figura religiosa e presente em diversas religiões), teria comido a maçã (o fruto proibido pelo então Deus) e assim cometido o pecado original. Segundo a bíblia, foi nesse momento que Adão (primeiro homem e também criado por Deus), juntamente com Eva, teriam descoberto a impureza, o sexo e a prática em si. Após isso, ambos teriam sido retirados do jardim em que viviam e a partir dali viveriam uma vida



totalmente diferente da que viviam, agora com sofrimento, devido ao pecado cometido por ambos.

A edição do mês de março foi histórica. A maioria das publicações desse mês foi relacionada aos feminismos (utiliza-se no plural justamente pois, nos dias atuais, já existem diversos grupos que buscam ideias e propostas diferenciadas, e continuar apenas com o termo “feminismo” em um local onde existe uma imensa pluralidade em circulação é no mínimo estar equivocado), afinal, dessa forma, a revista coloca em voga tanto um espaço de escuta para se discutir o tema, quanto demonstra por meio dos enunciados seus ideais. Todos os textos, de alguma forma ou outra, tinham ganchos que puxavam para esse lado teórico dos feminismos da nossa sociedade. O motivo? Mês da mulher. Mesmo a revista se propondo para esse público mais jovem, essa acaba se contradizendo diversas vezes em suas publicações. Sendo homem, observo o jogo que a revista faz quando está falando com seu público alvo “desconstruído” e de quando a revista se utiliza de dizeres e discursos que podem ser lidos e entendidos como discursos machistas.

41

Na SD2, temos “Precisamos conversar...seja para quebrar o tabu, seja para nos posicionar sobre o que queremos ou não”. Se colocamos a sequência 2 junto com a 1 analisada anteriormente, já percebemos uma contradição. Enquanto a SD2 vem como um “seja para quebrar o tabu”, a SD1 é o oposto, uma vez que colocou o sexo como pecado. Analisa-se então que a própria revista não está sabendo qual lado escolher. O lado de abordar as temáticas da forma mais natural possível ou o lado que vai continuar castrando o sexo e a sexualidade feminina. A SD2 propõe um diálogo, enfatizando que as mulheres precisam se posicionar sobre o que querem ou não. Porém, será que, se a resposta dessas mulheres for sexo, a revista julgaria ou falaria que está tudo bem a opção delas?

A *Cosmo* mantém uma certa dualidade de sentidos em diversos momentos. Esses deslizamentos passam por grande parte das matérias analisadas, tornando-se parte da revista em questão. Ora a revista se mostra aberta a um pensamento o que vai mudar segundos de leitura depois, em que o mesmo pensamento ou sentido, é deslizado para outra questão.



A SD3 aborda “Falamos muito que somos ‘sexualmente livres’ mas de fato exercemos isso?”, a pergunta destinada às mulheres questiona se o tal público da revista seria sexualmente livre. O ser “sexualmente livre” é muito importante, uma vez que, como já comentado, é na década de 70 que começa a se discutir sobre essa sexualidade livre e o que ela representa. A *Cosmo* toma para si essa discussão da liberdade sexual e tudo o que vem junto com esse pensamento que, basicamente, propõe uma melhor relação consigo mesmo no âmbito do sexo, visando ao prazer.

As discussões do sexualmente livre, em negrito, são bastante frequentes em alguns movimentos feministas, por exemplo, afinal, se busca essa liberdade, seja a de falar sobre a temática, assim como exercê-la há algum tempo. No que tange à pergunta “Falamos muito que somos sexualmente livres mas de fato exercemos isso?” nos abre para mais uma dúvida: as mulheres estariam praticando suas sexualidades (usufruindo de suas liberdades sexuais) pois querem, ou porque podem exercer. Em outras palavras, a escolha de se viver uma liberdade sexual vem do desejo de querer vivenciar isso ou pelo fato de, agora, se falar mais sobre o assunto? Separamos em três momentos pois os três retornam à mesma pergunta: “Eu faço porque quero ou quero porque posso”, algo bastante atual nos dias de hoje, em que se discute sobre as liberdades e sobre como determinados grupos não sabem mais se estão fazendo tal coisa porque podem fazer ou se realmente querem estar fazendo aquilo. A pergunta, com o negrito em precisamos, quebrar o tabu e queremos ou não, nos dá essa mesma ideia: a de que precisamos abordar mais essa liberdade, quebrando ou não os tabus em relação ao sexo e as diversas formas da sexualidade, bem como, manter um posicionamento sobre o que é melhor (o que elas querem) ou não nessas conversas.

SD 4: Seu corpo possui uma série de terminações nervosas que, quanto estimuladas, enviam para o cérebro sinais capazes de fazer a excitação disparar. Mas você conhece todos eles? Hora de descobrir zonas de prazer nunca antes exploradas”

SD 5: Feminismo bombando, nós cada vez mais independentes, mas aquela pergunta “E os namorados:” continua. Por que ainda é tão importante termos alguém do lado?



A SD4 "Mas você conhece todos eles? Hora de descobrir zonas de prazer nunca antes exploradas", espaço que, novamente, a revista questiona suas leitoras e vem como um guia, pronto para auxiliar no que for preciso para que sua leitora alcance aquilo que deseja. Nesse caso, o desejo é o próprio prazer sexual, explicitado

em "zonas de prazer nunca antes exploradas". Muitas vezes, a *Cosmo* aparece como a quebradora de tabus (título esse que a própria revista utiliza para si), em que ela (a revista), precisa a todo tempo estar derrubando algum paradigma da sociedade patriarcal, e, com isso, crescer juntamente com os grupos das mulheres, estando em outro momento e não mais no de apenas discussão das temáticas. A revista costuma questionar muito as suas leitoras, "Mas você conhece todos eles?", no que se refere às zonas de prazer. Nesse caso, o texto faz a pergunta, mas a única resposta possível é a "não", já que, logo em seguida, ela segue com "Hora de descobrir zonas de prazer nunca antes exploradas", apontando, mais uma vez que é ela quem entende de toda a sexualidade feminina, e que vai ser com a revista que as leitoras vão atingir o ápice de seus prazeres, com a ajuda dela.

43

E da mesma forma que o título da editoria compara o sexo com amor, nessa SD5, acontece algo parecido. "Feminismo bombando, nós cada vez mais independentes, mas aquela pergunta "E os namorados:" continua. Por que ainda é tão importante termos alguém do lado?", neste caso, a revista utiliza o enunciado "cada vez mais independentes" seguido de "Por que ainda é tão importante termos alguém do lado". O deslize, em forma de paradoxo, isso é, duas ideias opostas se contradizendo, vem do momento em que a *Cosmo* diz que as mulheres estão cada vez mais independentes, mas, ao mesmo tempo, traz à tona a questão do porquê é tão importante ter alguém ao lado, nesse caso, um homem. A questão sobre ter um parceiro é bastante frequente nos enunciados e também vem como uma memória discursiva, isto é, algo que está ali, oriundo de outro momento. A noção de se precisar de um parceiro (muitas vezes homem) é algo que virá tanto da família (como a revista mesmo coloca na pergunta "E os namorados?") tanto da própria revista, que instiga essa leitora a se questionar do porquê ela não teria um namorado e o porquê ela precisa ter. A revista continua com o discurso de que para se chegar ao prazer é

necessário um parceiro. Como podemos observar abaixo na análise do mês de maio em que ela, (a *Cosmo*) coloca o "vale tudo" como ponto chave do prazer, prazer esse entre duas pessoas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises aqui realizadas, podemos observar como a revista *Cosmopolitan* aborda as temáticas de sexo e sexualidade na editoria "Amor (ou quase isso)". Observamos que as ocorrências são muito parecidas, principalmente no que tange os deslizes e efeitos de sentidos que a própria revista causa em suas matérias. A revista se vende como uma revista pensada para a mulher atual, jovem e moderna que busca a sua sexualidade sem tabus ou preconceitos.

Muitas vezes realmente se percebe essa mulher estampada, que quer saber mais e mais sobre suas opções no mercado do sexo e da sexualidade, mas também se percebe o contrário, com a revista estancando a temática e deslizando totalmente o sentido. A mulher que a revista propõe como seu público alvo, muitas vezes não é representada, uma vez que sendo destinada às classes A, B e C, a revista usa de pautas e imagens de imagens categorizadas como classe média, classe média alta, deslocando o sentido de ser uma revista destinada à mulheres mais pobres, por exemplo.

Nos utilizamos de diversos conceitos da Análise de Discurso de Orientação Francesa que nos proporcionou todo o aporte teórico para analisar as sequências discursivas dispostas no capítulo teórico. Com a teoria conseguimos observar as várias ocorrências de deslizamento que a revista faz inconscientemente. Não cabe a nós julgar a revista como machista, ou que reproduz discursos machistas uma vez que a teoria não é para isso, porém, analisando as diversas ocorrências, percebemos que muitas vezes a revista não cumpre o que ela "promete" e/ou descreve como seu serviço, uma revista que aborda temas polêmicos em busca de diálogo, uma vez que a própria *Cosmo* acaba se utilizando de frases que não caberiam em sua proposta inicial de revista destinada ao público feminino. A *Cosmopolitan* desliza seus sentidos em



diversos momentos sendo possível perceber tais deslizes quando comparadas as diversas editorias analisadas.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Aparelhos Ideológicos do Estado: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1974.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Tradução de: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DEL PRIORE, Mary. Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Tradução de: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. Tradução de: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

GONZÁLEZ, Leticia. Sexo em tempos de feminismo – e ainda muito machismo. *Cosmopolitan*, São Paulo, edição 534, ano 46, nº 3, março de 2018.

ORLANDI, Eni. Discurso e leitura. Campinas: Editora Unicamp, 1988.

ORLANDI, Eni. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução de: Eni Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de: Eni Orlandi *et al.* 5 ed. Campinas: Pontes, 2014.

SEX IN TIMES OF FEMINISM AND STILL MUCH SEXISM:
EFFECTS OF MEANING IN THE SECTION AMOR (OU QUASE
ISSO) OF COSMOPOLITAN BRAZIL MAGAZINE



ABSTRACT: The themes of sex and sexuality, nowadays, can be observed in magazines, television programs, internet etc. It took many years to have the "freedom" that we have today to address these issues. One of the current media that has addressed this topic is Cosmopolitan magazine, formerly Nova magazine, which is aimed at working women, is young and independent. Based on the Discourse Analysis of French orientation, this article aims to analyze how a discursive memory about women and their sexuality works, which production conditions support and allow such sayings and to which discursive formations the Cosmopolitan magazine's section " Amor (ou quase isso) "is affiliated. This article is also the result of the master's research entitled "Sex and sexuality in the section ' Amor (ou quase isso) ': Effects of senses". In addition, we seek to understand how the issue of sex and sexuality is approached in the magazine's March issue, realizing which woman the magazine speaks to and where that woman is inserted. As a theoretical basis, authors Pêcheux (2008), Orlandi (2013) and Del Priore (2011) were used in questions about women. In this way, the results of both the research and the article contribute to studies on sex and sexuality, as well as studies related to journalistic discourses. The Amor (ou quase isso) section comes as a corpus, materializing how the discourses about sex and sexuality have been approached in the media, especially in print.

Keywords: Cosmopolitan Brazil. Discourse Analysis. Sexuality. Women.

46

ⁱ Sigla para definir lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexo e assexuais.

ⁱⁱ Vagina. Para a época, apenas o sexo por penetração vaginal seria considerado normal, isso quando atrelado à reprodução e não ao prazer, descrito como pecaminoso.

ⁱⁱⁱ Do inglês, gíria que se refere à quando alguém revela alguma informação. Anteriormente era mais destinada a contar algo sobre livros, filmes ou séries, porém foi se adaptando a diversas mídias, sendo utilizada inclusive no jornalismo.

^{iv} Do inglês, "Eu também", foi um movimento encabeçado por mulheres para se falar e denunciar casos de assédio sexual e moral dentro de *Hollywood*.